

MÔNICA GASPAR . SORAIA MARIA SILVA . SUSELAINE  
LUCIANA HARTMANN . ADRIANA FURTADO . CLARISSA  
ELISE HIRAKO . MARI LOTTI . MÔNICA GASPAR . SORAIA  
SUSELAINE MARTINELLI . LUCIANA HARTMANN . ADRIANA  
CLARISSA PORTUGAL . ELISE HIRAKO . MARI LOTTI . M  
SORAIA MARIA SILVA . SUSELAINE MARTINELLI . LUCI  
ADRIANA FURTADO . CLARISSA PORTUGAL . ELISE HI  
MARI LOTTI . MÔNICA GASPAR . SORAIA MARIA SILVA . SUS  
SUSELAINE MARTINELLI . LUCIANA HARTMANN . ADRIANA FURTA  
CLARISSA PORTUGAL . ELISE HIRAKO . MARI LOTTI . MÔNICA GA  
SORAIA MARIA SILVA . SUSELAINE MARTINELLI . LUCIANA HA  
ADRIANA FURTADO . CLARISSA PORTUGAL . ELISE HIR  
MÔNICA GASPAR . SORAIA MARIA SILVA . SUSELAINE  
LUCIANA HARTMANN . ADRIANA FURTADO . CLARISSA  
ELISE HIRAKO . MARI LOTTI . MÔNICA GASPAR . SORAIA  
SUSELAINE MARTINELLI . LUCIANA HARTMANN . ADRIANA  
CLARISSA PORTUGAL . ELISE HIRAKO . MARI LOTTI . M  
SORAIA MARIA SILVA . SUSELAINE MARTINELLI . LUCI  
ADRIANA FURTADO . CLARISSA PORTUGAL . ELISE HI  
MARI LOTTI . MÔNICA GASPAR . SORAIA MARIA SILVA . SUS  
SUSELAINE MARTINELLI . LUCIANA HARTMANN . ADRIANA FURTA  
CLARISSA PORTUGAL . ELISE HIRAKO . MARI LOTTI . MÔNICA GA  
SORAIA MARIA SILVA . SUSELAINE MARTINELLI . LUCIANA HA  
ADRIANA FURTADO . CLARISSA PORTUGAL . ELISE HIR

# DIÁLOGOS

## AFETOS COMPARTILHADOS



# DIÁLOGOS

AFETOS COMPARTILHADOS

Soraia Maria Silva (Org)

Diálogos: afetos compartilhados

1ª Edição

Brasília  
UnB/PPG-CEN  
2019

ADRIANA FURTADO  
MARI LOTTI  
LUCIANA HARTMANN

SORAIA MARIA SILVA

# DIÁLOGOS

## AFETOS COMPARTILHADOS

ELISE HIRAKO

CLARISSA PORTUGAL  
MÔNICA GASPAR

SUSELAINE MARTINELLI

D536

Diálogos: afetos compartilhados / Soraia Maria Silva,  
[organização]. - Brasília : UnB/PPG-CEN, 2019.  
123 p. ; 21 cm.

Modo de acesso: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34786>

ISBN 978-85-94107-07-7.

Inclui Bibliografia.

1. Artes cênicas. 2. Corpo como suporte da arte.
3. Performance (Arte) – Brasil. I. Silva, Soraia Maria (org.).

CDU 792(81)



Todos os direitos reservados

## **Editorial**

Design gráfico Elise Hirako  
diagramação  
capa

# SUMÁRIO

<b>Apresentação.....</b>	<b>7</b>
<i>Soraia Maria Silva</i>	
Quem sou Eu?.....	11
<i>Adriana Furtado</i>	
A sublimação do corpo fraturado através da criação artística.....	21
<i>Clarissa Portugal</i>	
A investigação sombria de uma performer intercultural.....	37
<i>Elise Hirako</i>	
Híbrida.....	52
<i>Mari Lotti</i>	
A vida é um laboratório de criação .....	73
<i>Mônica Gaspar</i>	
Mulher esqueleto: dor e sublimação no processo criativo, um diálogo afetivo .....	86
<i>Soraia Maria Silva e Luciana Hartmann</i>	
A criatividade na formação do artista das artes cênicas....	109
<i>Susi Martinelli</i>	



# HÍBRIDA

*Mari Lotti*<sup>1</sup>

Aprender mais sobre danças e percursos artísticos, tendo como professora uma boa bailarina, deixou nossas aulas mais leves, mais dinâmicas e agradáveis. Nossa professora, Soraia Maria Silva, convidou a professora de Dança do Instituto Federal de Brasília, Suselaine Martinelli, para uma aula impulsionadora das nossas habilidades criativas. Nesse encontro, utilizamos roupas e sapatos diferentes, e de países distintos, para essa experiência inventiva. Dessa aula, destaquei do meu diário o seguinte relato:

Adriana rodeando e querendo os sapatos como se fossem caros e trabalhosos e mesmo assim potentes para andar juntos. Mônica numa fluência de ar, fogo e paixão que nos acalentava com seus raios de Sol. Elise é uma deusa híbrida do Brasil e do oriente. Clarissa como uma professora louca, pirada, cheia de ideias e entusiasmo. Eu queria ser que nem ela e pirar consciente, sem machucar ninguém. Quem pira explode, mas as vezes essa explosão pode ser com gosto de doce. Tentei reproduzir o meu encanto com a saia de ouro, brilho, terra e carnaval. Fiquei na dúvida, como sempre, mas ela me encantou com sua beleza, malemolência e esquisitice. Fomos feitas uma para a outra, onde ela quiser ir eu vou. Esse relato exemplifica o que sentimos: a sublimação das nossas estratégias artísticas se desenvolvendo coletivamente.

1 de Abril de 2019.

---

<sup>1</sup>Maria da Guia Carolina Rodrigues Ribeiro, nome artístico Mari Lotti. Graduada em Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade de Brasília. Professora, diretora de Teatro, atriz, bailarina, contadora de histórias, manipuladora de bonecos cênicos e coreógrafa.

Depois de alguns dias, na disciplina Laboratório de Criação, a nossa professora artista, Soraia me perguntou sobre o que eu queria falar da minha pesquisa, em conexão com essa matéria. Fiquei muda, balbuciei algum tipo de idioma desconhecido e por fim eu disse mais uma vez: não sei. Sou, com certeza, uma pessoa em estado de dúvida constante, conheço e convivo com essa inconstância, não é fácil. Muitos artistas e seus trabalhos me seduzem, mas nenhum se destacou naquele momento. Ela sorriu, doce como sempre, respirou quase numa afirmação óbvia e disse que eu deveria falar sobre o meu trabalho e continuou:

Mari, você é uma grande artista e vai fazer coisas enormes ainda, você já tem uma carreira e um trabalho que está construindo com muito amor e persistência. Mas entre todas as alunas aqui, você é a mais perdida, e talvez seja também a que está mais “achada”. Você é uma artista expressionista, falo isso porque acompanho o seu trabalho aqui e sua construção corporal durante os exercícios. Tem um pouco mais de Mary Wigman<sup>2</sup> em Mari Lotti do que você pensa.

Soraia construiu essa metáfora porque, durante uma de suas conduções de exercício, eu apresentei movimentações parecidas com as da artista Mary Wigman. Não foi tão simples, mas depois de uma conversa longa fui convencida a falar sobre mim e para a minha surpresa, era o que eu estava precisando. Afirmar muitas vezes que Hibridismos Culturais e Artísticos, em conexão com a educação para atores e não atores, é um caminho para entender o mundo em que vivemos, cheio de híbridos, têm sido um desafio constante. Pensando no meu interesse numa educação para a integração da diversidade, onde culturas, etnias, orientações sexuais, de gênero ou religiões possam ser entendidas e

---

<sup>2</sup> Bailarina alemã e coreógrafa, uma das percussoras da Dança expressionista.

respeitadas por meio das Artes Híbridas é um grande desafio, mas também possui uma origem.

Ana Mae Barbosa, pesquisadora e professora de Artes, acusa uma defasagem crítica e teórica de arte-educadores, críticos, jornalistas, acadêmicos e artistas em lidar com as transformações da nossa contemporaneidade em relação aos híbridos, tanto na prática artisticamente interdisciplinar, quanto em sua aplicação nas salas de aulas de artes.

Meu desejo em afirmar esses híbridos como possibilidades para descobrir como alcançar uma prática distinta da defasagem no ensino das Artes, citada pela pesquisadora Ana Mae Barbosa, buscando também uma construção pessoal e profissional artisticamente interdisciplinar, como atriz e professora, está também, na mulher, artista e bissexual que sou.

Vou começar essa história falando de algo comum. Quando participo de alguma seleção, processo seletivo, faço algum cadastro ou algo do tipo, quase sempre vem a pergunta: branca ou negra? Gostaria que houvesse mais opções. Por muito tempo essa questão me perseguiu e me incomodou até o momento que assimilei que, mesmo que eu não me identifique como branca e nem como negra, posso ser híbrida, sou híbrida, posso ser outra. Sou descendente de portugueses e portuguesas, negros e negras e de índias até onde eu sei, e, mesmo sem provas concretas, acredito que pertença a outros lugares e a outros grupos de pessoas.

Mari Lotti é meu nome artístico desde os meus 16 anos. Eu queria ser atriz e professora, mas quando estava no palco eu não conseguia responder aos comandos e às expectativas do meu diretor quando ele me chamava por Maria. Quando me reconheci por Mari Lotti, criei uma outra identidade, a identidade de uma outra persona e depois de uma artista híbrida, mas que só se consolidou e se firmou em mim com os meus estudos e minhas experiências como arte-educadora.

Apreendi a ser uma atriz tradicional durante o meu primeiro curso técnico como atriz na Cia da Ilusão em Brasília,

onde concluí em 2013. Foi lá que eu conheci e compreendi os estudos de Constantin Stanislavski e percebi que esses estudos são válidos quando os entendemos e sabemos como usá-los, até mesmo se quisermos ultrapassar esses conhecimentos e práticas. Talvez estudos em qualquer área do conhecimento sigam esta mesma lógica. Tornei-me uma boa atriz tradicional e o novo, ou aquilo que nunca houvesse experimentado me soava estranho, feio, diferente demais e até mesmo irrealizável por mim no presente e no futuro.

Já possuía o Registro Profissional de Atriz Brasileira (DRT), mas meu coração queria saber mais sobre a profissão que escolhi. Em 2014 ingressei no curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Meus pais tinham medo de que eu morresse de fome ao optar por Arte e acredito que eles ainda temem por isso. Fugi de casa para seguir o curso e mesmo com medo dos novos horizontes e de muitas apresentações performáticas realizadas pela UnB, a boa atriz tradicional Mari Lotti estava disposta a tentar, preparada para tentar. Enquanto havia texto e uma dramaturgia definida, essa estudante estava firme e segura. Quando apareciam processos coletivos, colaborativos, dramaturgias colaborativas, apresentações performáticas, teatros físicos e tudo aquilo que fugia do seu comum, as palavras desconforto, desespero e ansiedade imergiam e nadavam juntas, na água fria do caos. Não fugi, chorei e me desesperei, mas não desisti. Queria mais do que tudo aprender esses processos novos, esses outros teatros e diferentes formas de se trabalhar aquilo que fazia o meu ser ter mais um motivo para resistir.

Claro, eu já era atriz. Acredito que qualquer um pode ser ator ou atriz. Essa possibilidade é real. É preciso interesse, paixão, estudo, prática, saber ouvir e resistir. Assim você consegue ser uma boa atriz ou ator. Eu era atriz, mas não era boa. Era uma boa atriz tradicional, mas não era uma boa atriz para o século XXI. Sem saber, eu queria ser uma boa artista híbrida.

Aproximei-me cada vez mais da Performance Art até

poder me denominar como performer. Acreditem, eu tinha meus critérios para me assumir como tal e se eu tivesse passado nas minhas avaliações, poderia me afirmar assim. Não esperava que pudesse ser uma boa performer, mas eu queria tentar e continuo tentando. Conheci neste caminho meu companheiro de disciplinas e interdisciplinaridades artísticas, Fernando Villar. Ao me dirigir durante o processo de um de seus espetáculos teatrais, ele disse que eu era surpreendente (era como meu primeiro diretor, Alberto Bruno me chamava) porque eu superava as suas expectativas com meu treino e fazia parecer fácil apresentar bem três personagens na mesma peça. Villar me apresentou os hibridismos artísticos e confiou em mim como pesquisadora, assim como confiava em mim como atriz, ele disse.

Processos híbridos são identificados por meio de muitos termos. Para Villar, hibridismos são sinônimos de resmuda:

Hibridismos, mestiçagem, fusão, intertextualidade, interculturalidade, interterritorialidade, intermedialidades, cross-over, internet, networks, mix, multimídias, trans-sexualidades, globalização e/ou intermídias são alguns dos termos que indicam relações de intercâmbios entre campos de conhecimento, culturas, mídias, disciplinas, identidades, artes e/ou performatividades. Interdisciplinaridade pode ser sintetizada como processo de troca ou intercâmbio entre diferentes disciplinas e aparece entre todos os termos acima como um possível denominador comum (2015, p. 2).

Eu incluiria mais um termo: outro. Hibridismos podem ser reconhecidos como processos que transcendem o comum. Para mim um híbrido é um outro, nem melhor, nem pior, só um outro. Processos híbridos acontecem em várias áreas do conhecimento como os quadrinhos que são resultado da linguagem verbal e não verbal, os Ligres, felinos

machos que são gerados pelo acasalamento de leões e tigresas e, nas artes, esses híbridos acontecem quando conexões entre linguagens artísticas diferentes resultam em outra linguagem, como ópera, circo-teatro, teatro-dança ou performance art, entre outros e outras.

Processos híbridos acontecem há muitos anos e em diferentes áreas do conhecimento, mas são identificados com maior intensidade no século XX. Hibridismos Culturais são decorrentes de religiões que se aliam, estilos musicais que se conectam, gastronomias que se unem, filosofias que se agrupam e criam outros e outras. Culturas Híbridas acontecem quando, mesmo diversas, dialogam entre si e concebem outras. O Brasil, por exemplo, tem sua cultura afetada pela colonização europeia, pela escravidão africana e ascendência indígena.

Ao interessar-me em conhecer novas culturas, entendê-las e trabalhar com elas de uma forma respeitosa e que propicie mais interações benévolas com as diferenças em processos de arte-educação, conheci os estudos do historiador Peter Burke sobre Hibridismo Cultural, os conhecimentos antropológicos de Nestor Garcia Canclini sobre Culturas Híbridas na América Latina, as pesquisas do diretor Fernando Villar sobre disciplinaridades e interdisciplinaridades artísticas e associei esses estudos ao grupo Pés de Teatro-dança com pessoas com deficiência da Universidade de Brasília, para afirmar que o ensino de Teatro híbrido é capaz de auxiliar os estudantes a fazerem conexões não só com o mundo em que vivemos, como também consigo mesmos.

O Projeto Pés foi idealizado pelo diretor Rafael Tursi no fim de sua graduação em Artes Cênicas, em 2011. Os trabalhos do grupo basearam-se na criação e desempenho de movimentos expressivos por pessoas com deficiência. Quase oito anos depois de sua criação, o Projeto Pés tem, hoje, em seu repertório, mais de cem atividades realizadas, entre apresentações de cenas e espetáculos, aulas, palestras,

trabalhos de conclusão de cursos e participações em eventos nacionais e internacionais. É, ainda, ganhador do prêmio Cultura e Cidadania - Arte Inclusiva, emitido pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal (2018), por sua relevante contribuição ao desenvolvimento artístico e cultural do DF, e dos prêmios de Melhor Trabalho Nacional de Educação Inclusiva e Melhor Trabalho Nacional de Cultura e Lazer para Pessoas com Deficiência, emitidos pelo último Congresso Nacional de Diversidade e Inclusão (CONADI), em 2012, no estado de São Paulo.

Trabalho no Grupo Pés há mais de 4 anos. Comecei como integrante do grupo, tornei-me produtora ao assumir demandas e ao articular mais apresentações e depois de dois anos eu era assistente de direção do Grupo. Deixei de ser uma atriz tradicional, além de performer, tornei-me dançarina com as experiências no Pés e demais trabalhos híbridos. O Teatro-dança que eu aprendi nesse grupo, me faz acreditar cada vez mais na educação do sensível utilizando o Teatro híbrido para formar estudantes e artistas em cidadãos críticos e atuantes na sociedade com empatia e na educação para conexões pessoais, culturais e artísticas.

Conheci o Pés no começo da minha graduação, em 2015, e me lembro como se fosse ontem. Vi todos aqueles corpos diferentes do comum, tentei entender a forma como se comunicavam e como me comunicar com eles, tentei perceber o que os integrantes com deficiência entendiam quando eu falava ou me movimentava e pela primeira vez me senti paralisada ao tentar me movimentar com eles. Deparar-me com uma linguagem artística que eu não tinha contato não era o meu maior medo, o que me mantinha paralisada era o receio em me comunicar com as pessoas com múltiplas deficiências, as quais eu também desconhecia.

Para os atores e bailarinos do Pés o primeiro contato deles comigo foi diferente, pelo que eles mesmos disseram após meu primeiro ensaio no grupo e nitidamente era possível ver. Eu não sabia como tocá-los, mas eles sabiam como me tocar,

mesmo sem toque físico. Estar no Pés e trabalhar no Pés me possibilitou ver os seres humanos com outros olhos e cada vez mais eu me sinto mais preparada para lidar com as dificuldades de trabalhar em grupo. Isso não acontece por ter que trabalhar com as deficiências de cada um, mas porque em algum momento eu entendi que não eram só pessoas com deficiências e sim pessoas como qualquer outras, com desejos, sentimentos, limitações físicas e emocionais, com corações batendo e sangue circulando por todo o corpo. Aprendi a dar tempo para ouvir o outro e aprendi que ainda tenho muito o que aprender. Continuo trabalhando como atriz e codiretora do Grupo, contudo não tinha me dado conta de um outro processo que nascia em mim, a coreógrafa.

Roges de Moraes tem 24 anos e paralisia cerebral leve. Fazia apresentações artísticas nas escolas, trabalhou como artista de rua durante 2 anos e atualmente é integrante do Pés há 7 anos. Durante nosso período de férias, depois que voltamos da nossa primeira viagem à Argentina, onde representamos o Brasil no Festival Internacional Arte x Igual na Patagônia com o espetáculo Similitudo do Grupo Pés, em 2017, Roges e eu começamos a idealizar uma cena juntos. Conversávamos diariamente sobre o que queríamos fazer e compartilhávamos referências e estímulos. Nosso primeiro combinado foi claro, devíamos criar algo nosso e não necessariamente baseado em treinos e processos do Grupo Pés. Começamos a nos encontrar em horários diferentes, fora do tempo já estabelecido para os ensaios do Grupo. As práticas eram conduzidas por mim. Precisei adaptar alguns exercícios para nossos ensaios. Muitos desses exercícios que eu também utilizava em outros grupos de Teatro e até mesmo com meus alunos, foram realizados por nós. Depois de duas semanas de trabalho, sentimos a necessidade de ter alguém que visse nossas experimentações e nos ajudasse a melhorá-las, foi aí que convidamos o artista plástico Yuri Costa, professor de pintura para pessoas com deficiência, pesquisador em experiências

sensoriais para pessoas com síndrome de down e integrante do Grupo Pés, para acompanhar nosso processo artístico.

Eu não poderia relatar sobre a nossa experiência juntos, sem as palavras desses artistas incríveis. A seguir, relato a entrevista que realizei com eles.

**Mari** – Como foi para você a ideia de desenvolver algo novo? Você já tinha algo em mente?

**Roges** – Eu não tinha absolutamente nada em mente. Gosto muito de experimentações, da ideia do “novo” e adorava o fato de que não precisávamos ter o compromisso de resultar em algo, a gente só queria improvisar, treinar, testar, mas desse novo acabaram saindo várias coisas interessantes.

**Mari** – Você lembra como foi o começo do nosso processo?

**Roges** – Claro, a gente se falava toda hora. Trocávamos fotos, entrevistas, vídeos, reportagens, compartilhávamos imagens e muitas ideias. Foi algo despretenso, sem a necessidade de que desse certo. Acabou dando, mas podia não ter dado também.

**Mari** – Como foi partir dos meus exercícios e de estímulos novos?

**Roges** – Acredito muito que quando pessoas novas nos dirigem, nosso crescimento como artistas é maior. Eu estava acostumado a trabalhar com a condução do nosso diretor e queira ou não queira, a gente pode acabar ficando preso aos seus comandos e ter outras direções é um presente.

**Mari** – E o que você diria especificamente da minha direção?

**Roges** – A sua direção não teve nada que veio diretamente do Pés, era tudo novo para mim.

**Mari** – Foi estranho para você?

**Roges** – Olha Mari, não vou mentir para você, no começo foi sim, você tentava umas coisas bem malucas, mas eu gostei. O resultado foi bem positivo.

**Mari** – Teve algum exercício que você gostou mais? Lembra de algum?

**Roges** – O nosso primeiro exercício com as vendas nos olhos foi surpreendente para mim. Eu nunca tinha experimentado, foi muito novo para mim e daquilo eu guardo várias coisas, muitas sensações que ainda podem ser resgatadas. Você tem essa pegada mais sensorial e isso é muito bacana, mas foi difícil conciliar duas deficiências, porque naquele momento eu estava cego também.

**Mari** – E mesmo assim esse foi o exercício que você mais gostou?

**Roges** – É porque você conseguiu me conectar ao exercício e eu não me senti cego, acho até que consegui ver melhor a minha movimentação com essa proposta. Foi muito intenso e eu estava entregue. Foi muito legal né, eu mesmo gosto muito de me jogar e ter ideias loucas, faz com que a gente saia do nosso limite, ou aprender que nosso limite pode ser superado. A gente trabalhou muitas coisas que não trabalhávamos nos nossos ensaios cotidianos do Grupo. Me fez sair completamente da minha zona de conforto. A gente se redescobre com essas novas ideias. Acho que o novo pode ser bom.

**Mari** – Você acha que eu respeitei os seus limites nesse processo?

**Roges** – Eu acho que não, eu fui além...

**Mari** – Também acredito que você foi além dos seus limites, mas estou te perguntando se eu respeitei os seus limites durante o nosso trabalho. Não me assusta.

**Roges** – Respeitou sim, eu acho que com a sua condução eu fui além. Eu me redescobri.

**Roges** – Tem uma coisa que eu não te contei.

**Mari** – Por favor, me conta.

**Roges** – Quando eu vi você dirigindo a cena dos abraços no Pés, aquela que você contou sobre a dançarina Pina Bausch, foi aí que eu tive inspiração para nossos encontros e desencontros. Você também me ensina muito e eu estou muito feliz com nossas conquistas. Já apresentamos na Mostra de Dança de Planaltina e no Movimento Internacional de Dança deste ano. Você é demais.

**Mari** – Você que é demais. Esse processo também me comunicou muitas coisas sobre o meu processo como professora, atriz, pesquisadora e você deixou tudo mais fácil porque você se interessou e se comprometeu. As vezes, a gente propõe muito e não é respondido ou correspondido. Por falar em ser correspondida, para corresponder às minhas próprias expectativas para ser uma boa professora híbrida, me fala, o que você achou de positivo e negativo no nosso processo?

**Roges** – Parece que vai ser meio bobo o que eu tenho pra falar, mas eu não tenho nada de negativo para dizer. Fluiu tão bem que se houve algo, passou despercebido. O que foi mais positivo, para mim, foi poder me equilibrar apoiando-me na sua testa. Eu tinha muito medo e pensava até onde eu poderia confiar na parceira que estava trabalhando? No começo eu tinha bastante medo, você sabe, eu não consigo ficar em pé sem apoio e geralmente apoio em algo com as minhas mãos. Mais uma coisa louca que veio de você e eu agradeço.

**Mari** – O que você acha de mim como coreógrafa e que conselhos você me daria nesta caminhada?

**Roges** – Você é totalmente demais, admiro muito seu trabalho..

**Mari** – Tá me bajulando...

**Roges** – Não tô não, dá para ver o tanto que você gosta do que faz. É tanta dedicação que a gente vê, é impossível não ver. É como se você estivesse em casa, você está inteira.

**Mari** – Me fala alguma coisa que eu não sei. Pode ser do processo, da cena, como se sente, como se sentiu em algum momento, o que quiser.

**Roges** – Eu não diria que você não saiba, mas acho que não deu pra transmitir no começo do processo... eu tinha muito medo de me jogar, de me entregar, talvez você tenha visto em alguns momentos do processo, mas no começo, especificamente, eu estava apavorado e queria levar algo que eu já fazia no Pés para nosso ensaio, pra ficar mais fácil para mim, mas eu entendi que não ia funcionar. Agora eu já quero aprender coisas novas e trabalhar mais e em várias dimensões. Eu quero mais.

**Roges** – Agora você, me fala algo que eu não sei.

**Mari** – Eu gosto de ouvir você falar por si mesmo nas palestras, nos ensaios, entrevistas. Não gosto quando alguém fala por você. Consigo ver uma evolução técnica nas suas falas e você é um bom artista.

**Roges** – Tem certeza disso? Você é sempre muito chata.

**Mari** – Vai a merda, eu não sei mentir.

**Roges** – Também te amo (sorrisos e voltamos a conversa para nosso amigo, Yuri).

**Mari** – Yuri, o que você achou quando te convidamos para estar conosco?

**Yuri** – Foi muito louco, eu entrei bem despretensiosamente no processo, porque eu já estava na sala de ensaio e a Mari me convidou para acompanhar o andamento do trabalho de vocês. Ela disse que vocês não conseguiam ter dimensão da potencialidade crível da cena sem um olhar de fora. Eu fiquei curioso, interessado e topei logo. Coloquei uma música e vocês foram me mostrando o que já tinham descoberto sozinhos. Começamos a criar uma linearidade da cena e eu me lembro que no início a gente queria fugir dos parâmetros, paradigmas e estereótipos de outros processos juntos e outras cenas. Foi muito bom porque logo de começo foi fácil

traçar uma linearidade da cena, porque dos ensaios que vocês fizeram antes, já havia muito material para trabalhar. Vocês conseguiram explorar muita coisa e muita coisa diferente, o que é legal. Continuamos criando sem saber o que queríamos e a narrativa do casal foi entrando um pouco depois. Um dia no ensaio do Pés, pediram que vocês mostrassem a cena que estávamos criando e apesar de não termos o tema claro, essa cena impulsionou a decisão do tema do novo espetáculo do grupo. Eu gosto muito do subjetivo que tem na cena, porque a gente supõe que vocês são um casal que se encontra e desencontra, junta e se separa, “agora eles querem estar juntos de novo e agora não querem mais, ela já não quer e ele quer”... A gente cria uma lógica, mas são coisas que acontecem em qualquer tipo de relacionamento, de amigos, de mãe e de filho e isso vai muito de quem tá assistindo. Eu gosto muito da cena e acho ela muito potente por causa disso.

**Mari** – Eu me lembro que, em vários momentos, mesmo que as propostas de exercícios e improvisos tenham vindo de mim, de você dirigir a gente também, de conduzir o que a gente tinha em mente e quando você parou de nos acompanhar e passamos a ensaiar sozinhos de novo, sentimos sua falta, mas também saímos de alguns lugares de conforto que estávamos.

**Yuri** – Deixar vocês ensaiarem sozinhos de novo me surpreendeu, eu vi muitos saltos e como vocês se desenvolviam. Um salto nos detalhes. Vocês não deixam a cena morrer ou cair no automático, buscam outras alternativas e reforçam o todo.

Para o diretor Rafael Tursi, nosso trabalho é um estímulo para os outros integrantes do grupo e dá força a novas propostas de trabalho e estudo.

**Mari** – Como foi saber que a gente estava ensaiando, eu e o Roges?

**Rafael** – Para mim foi um reavivar iniciativas dentro do grupo. O grupo é nosso, mas essa fagulha é de vocês e eu fico muito

feliz quando alguém vem me parabenizar pela coreografia da cena e eu posso dizer que não fui eu o criador. Ter o exemplo de mais alguém fazendo, impulsiona outras pessoas a fazerem. Quando falo reavivar é em “n” aspectos também, como na autonomia de grupo. É fogo novo, uma fagulha que incendeia. Roges aumentou o vocabulário técnico, o que é fortemente notável. Você entrou com ele de forma igualmente protagonizada na cena, é um duo que não destaca um ou outro, mesmo que seja em relação a deficiência. O que mais me incomoda nas apresentações com pessoas com deficiência é o quanto, ainda, essas pessoas aparecem como enfeite, símbolo de assistencialismo. E você não faz isso. Fiquei bobo de ver vocês

**Mari** – Que bom ouvir isso, quer dizer que tenho colocado em prática o que mais aprendi com você.

**Rafael** – Eu preciso que as vezes eles tenham outro comando além do meu, para que o meu não vire verdade absoluta. O seu trabalho com o Roges aumentou a autonomia dele como artista e aumentou a sua dentro do treinamento do Grupo. Você melhorou muito sua forma de condução dos exercícios no grupo e continua melhorando em relação a especificidade de cada integrante.

**Mari** – Obrigada Tu, obrigada por me dar espaço para aprender e criar.



Ensaio, dia 06 de  
Setembro de 2018.  
Fotografia: Yuri Costa



Ensaio, dia 20 de  
Setembro de 2018.  
Fotografia: Yuri Costa

Mostra de Dança de Planaltina – DF, dia 17 de  
Março de 2019. Fotografia de Mário César  
Castro



Foto para divulgação, cena Há Braços. 28 de  
Fevereiro de 2019. Fotografia de Rafael Tursi



Movimento Internacional de Dança em Brasília – DF, dia 20 de Abril de 2019. Rafael Tursi, Roges Moraes, Mari Lotti e Yuri Costa. Fotografia de Nityama Macrini



Movimento Internacional de Dança, dia 20 de Abril de 2019. Fotos de Nityama Macrini.





Movimento Internacional de Dança, dia 26 de Abril de 2019. fotografia de Rafael Tursi.

## Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae e AMARAL, Lilian (orgs). *Interritorialidades: mídias, contexto, educação*. São Paulo: Edições SESC SP, 2008.

BURKER, Peter. *Hibridismo Cultural*. Trad. de Leila Souza Mendes. São Leopoldo (RS): UNISINUS, 2003.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas*. Trad. de Heloísa Pezza Cintrão e Ana

Regina Lessa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

IRWIN, Rita. *A/r/tografia: uma introdução*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (orgs.). *Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *A nova proposta de ensino do teatro*. Sala Preta, v. 2, 2002.

LEHMANN, Hans-Thies. *O teatro pós- dramático*. Trad. de Pedro Sússekind. São Paulo: CosacNaif, 2007.

RICHTER, Ivone Mendes. *“Arte e interculturalidade: possibilidades na educação contemporânea”*. In BARBOSA e AMARAL (2008).

STANISLAVSKI, Constantin. *A preparação do ator*. Tradução de Pontes de Paula Lima. – 29ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

VALLIN, Béatrice Picon-. *“Teatro híbrido, estilhaçado e múltiplo: um enfoque pedagógico”*. Trad. de Verônica Veloso. Sala Preta, n. 11, 2011

VANI, Andressa Cristina. “A educação do sensível: Saberes educativos que circulam na compreensão do ser humano”. Unoesc & Ciência -ACHS 4,1 (2013): 7-18.

VILLAR, Fernando Pinheiro. “Interdisciplinaridades artísticas”. In: Santana, Arão Paranaguá de (coord.), *Visões da Ilha: apontamentos sobre teatro e educação*. São Luís: UFMA, 2003.

\_\_\_\_\_. “Três apontamentos e outra defesa de interdisciplinaridades ou hibridismos artísticos como modos de produção e significação no teatro contemporâneo”.

Conceição/Conception. Universidade Estadual de Campinas, vol. 4, n. 2, Dez. 2015.

Esse livro foi composto em CorelDRAWW 2019 e impresso no sistema *offset*, sobre o papel *offset* 75g/m<sup>2</sup>, com capa em papel cartão supremo 250 g/m<sup>2</sup>.





Universidade de Brasília



# DIÁLOGOS

## AFETOS COMPARTILHADOS

Esse livro é resultado de reflexões teórico/práticas realizadas durante a disciplina Laboratório de Criação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/CEN/UnB, no primeiro semestre de 2019.

Ele tem um caráter experimental, pois juntamente lida com recortes dos processos de pesquisa de cada um dos envolvidos com a disciplina. Nesse sentido, toda a responsabilidade sobre a elaboração do texto, formatação e uso de imagens está sob a responsabilidade dos mesmos. O livro apresenta um exercício (com todos os acertos e erros) técnico, estético e ético para aqueles que se aventuram na arte da criação cênica. *Soraia Maria Silva*

ISBN 978-85-94107-07-7



9 788594 107077